

Ensino de História por Meio das Produções Musicais de Raul Seixas

Kelsse Pereira Borges*

Introdução

A música pode ser trabalhada no campo da história por fazer parte do nosso cotidiano e por ser rica em informações, tanto em seu gênero musical, quanto em suas composições. Assim, ela traz consigo questões fundamentais que envolvem os aspectos sociais, culturais e econômicos. Nesse sentido, a música é um instrumento que facilita a interação, contribuindo para o aprendizado.

A música tem o intuito de complementar o ensino de forma dinâmica, e assim, os alunos também aprendem de forma dinâmica, ou seja, a música em sala de aula colabora para o desenvolvimento de uma concepção crítica da realidade. Nesse sentido, nosso problema de pesquisa, é verificar se as produções musicais de Raul Seixas podem ser utilizadas como material didático no ensino de história.

Partindo desse pressuposto, nosso objetivo é apresentar uma reflexão sobre canções do cantor e compositor Raul Seixas e verificar se podem contribuir como instrumento pedagógico no Ensino de História. Como hipótese, as canções de Raul Seixas expressa ideia que estavam relacionadas com seu cotidiano, sendo assim, apresentavam críticas ao período vigente. Em suas canções e até mesmo sua trajetória de vida é possível verificar questões fundamentais de um período histórico, ou seja, o período que compreendeu o Regime Militar no Brasil (1964-1985).

Trabalhar as canções de Raul Seixas em sala de aula visa dar visibilidade à produção musical do cantor. Suas composições são ricas em conteúdo de um período histórico, como também podem favorecer o desenvolvimento e formação de indivíduos críticos, uma vez que nosso desafio enquanto docente é contribuir para uma educação transformadora, onde “a formação do aluno esteja fundamentada num conceito de História que o leve à compreensão da realidade social” (ABUD, 2013, p. 13). Nesse sentido, alguns documentos de pesquisa serão utilizados, como: músicas, entrevistas e depoimentos à imprensa concedidos pelo o cantor, para melhor compreender o que é proposto.

* Graduada em História e especialista em Ensino de História pela Universidade Estadual de Goiás.

Para entendermos a música como um fator importante para ser trabalhado no Ensino de História, nos apropriamos do conceito de *arte* do autor Nildo Viana, que do nosso ponto de vista irá corroborar com essa discussão.

Minha opção em discutir esse tema vem desde o período em que estava no primeiro ano do curso de História (2014), onde nos foi pedido por um professor para elaborar um pré-projeto. Naquela ocasião apresentei uma proposta de discutir *A produção musical de Raul Seixas e as representações Cotidianas na década de 70*. A curiosidade em estudar a figura de Raul Seixas se intensificou e através da bolsa Pró-Licenciatura da Universidade Estadual de Goiás, na qual propus um Plano de Estudo para pesquisar *A Ditadura Militar no Brasil através da música*. Através dessas pesquisas é que acabei definindo o meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, no qual propus continuar estudando o cantor e compositor Raul Seixas com o tema *Raul Seixas e a Ditadura Militar no Brasil*.

Para abordar a temática proposta, o presente trabalho está dividido em quatro tópicos, sendo o primeiro tópico intitulado: *A música como arte*. A proposta aqui é apresentar a ferramenta de análise que utilizaremos nesse artigo. No segundo tópico, denominado: *O Ensino de História*, é apresentada uma breve abordagem sobre o Ensino de História. No terceiro tópico, intitulado *A produção musical de Raul Seixas*, são abordadas algumas canções do cantor, que do nosso ponto de vista irão corroborar com este artigo. No quarto tópico, iremos discutir: *As músicas de Raul Seixas e o Ensino de História*.

A Música como Arte

Este tópico tem como objetivo apresentar a ferramenta de análise que será utilizada neste trabalho. Abordar o conceito de arte é de suma importância, uma vez que o objeto de pesquisa é um artista. Historicamente, a arte é considerada uma produção bastante antiga, utilizada pelos gregos e romanos há milhares de anos. Alguns podem afirmar que a existência da arte se deu com a chamada “pré-história”, como pontua Viana (2013, p. 62). Pouco a pouco essa habilidade de manuseio com objetos que eram utilizados para pinturas em cavernas foi sendo desenvolvida, e então foram “adquirindo outras habilidades e a maior destreza assim adquirida transmitiu-se hereditariamente e aumentou de geração a geração” (MARX-ENGELS, 1979, p. 26) até os dias atuais.

A maioria vê a arte, como a gloriosa “obra de arte”. Para Viana “a arte nasce com o desenvolvimento da sociedade e tem sua consolidação com a emergência das sociedades de classes” (VIANA, 2007, p. 71). Mas como podemos definir arte? Viana afirma que:

A obra de arte é uma expressão figurativa da realidade, ou seja, ela exprime as concepções, valores, sentimentos e inconscientes daqueles que realizam a expressão, no caso o artista individual ou, em caso de obra coletiva, o conjunto de artistas (VIANA, 2007, p. 71).

Partindo desse pressuposto, quando se enaltece um artista por suas obras, músicas, pinturas e etc., tornando-o um ser superior e diferente dos demais, é um equívoco, uma vez que este artista também está sujeito a divisão social do trabalho.

Entretanto, os artistas através de suas “obras de arte” podem expressar valores, sentimentos, interesses, concepções, perspectivas etc., ou seja, “a arte na sociedade capitalista é transformada em mercadoria (...) utilizada e produzida principalmente pelo interesse de convertê-lo em lucro” (BORGES, 2017, p. 18).

Para Marques (2018, p. 19-20).

A música como arte, portanto, é uma expressão figurativa da realidade, mas expressa figurativamente a realidade de uma forma específica. São as suas especificidades que a distingue das demais expressões figurativas da realidade. A tinta e a tela são matéria prima que os indivíduos utilizam para manifestar a realidade através da pintura, assim como o barro, o tecido etc., permite o artesanato, a câmara e cinema etc. A música também é produzida com determinados elementos específicos que a caracteriza, e neste aspecto, o som constitui a sua natureza. (...) As músicas, portanto, manifestam questões presentes na vida de quem a produz. (...), portanto, a primeira questão a ser considerada sobre a música é que esta é produto do trabalho humano, sendo ela uma expressão figurativa da realidade.

A música é a constituição de sons e combinações de notas, produzidas com determinados elementos específicos. Nesse sentido, Abud, Silva e Alves (2013) nos fornecem definições que justificam tal afirmação, dizendo:

A música não se constitui apenas em uma combinação de notas dentro de uma escala, mas também em ruídos de passos e bocas, sons eletrônicos ou, ainda, em vestimentas e gestos do cotidiano de determinados indivíduos que gostam de um tipo de som. Essas particularidades revelam que a música hoje é produto de ligas e incontáveis vivências coletivas e individuais com as experiências de civilizações diversas ao longo da história (ABUD; SILVA; ALVES, 2013, p. 60).

Nesse sentido, a música pode ser trabalhada no Ensino de História, por ser carregada de informações e por estar inteiramente imbricada no nosso cotidiano, como afirma Glezer (apud ABUD; SILVA; ALVES, 2013, p. 12),

A música está presente em nosso cotidiano. É veículo de representação dos sentimentos das pessoas. Quem não tem uma música preferida? Quem não ouve ou cantarola canções que alegram, distraem ou marcam sua vida? Da mesma forma, ela é utilizada para representar a relação com a pátria, com a religião, com as pessoas, com os diferentes espaços nos quais transitamos diariamente.

Complementam os autores Abud, Silva e Alves (2013, p. 59):

Ela é um (...) produto social (...) [que] representa modos de ver o mundo, fatos que acontecem na vida cotidiana, expressa indignação, revolta, resistência, e mesmo que tenha um tema específico, ela traz informações sobre um conjunto de elementos que indiretamente participam da trama.

Partindo desse pressuposto, é que a música pode ser um viés para a construção do conhecimento histórico no ensino-aprendizagem, fazendo “uma ponte entre a consciência histórica e o passado histórico” (ABUD; SILVA; ALVES, 2013, p. 60).

O Ensino de História

O Ensino de História historicamente teve um caráter tradicionalista, ou seja, um ensino que levava o aluno a determinar o seu conhecimento. O Ensino de História era pautado na memorização dos grandes acontecimentos das histórias políticas, dos grandes heróis de batalhas, etc. Nesse sentido, o “ato de fazer história historicamente esteve atrelado à capacidade dos seres humanos de deixar registros escritos de sua trajetória no mundo”, afirmam Abud, Silva e Alves (2013, p. 1).

Esse tipo de ensino mecanizado pautado por uma cronologia, dificulta formar indivíduos críticos, uma vez que não há possibilidade de fazer um posicionamento crítico e muito menos debater conteúdo. Portanto, ensinar História de forma mecanizada e voltada para marcos cronológicos, faz com que o alunato seja incapaz de relacionar o passado com o presente.

Para Alves e Rosa (2016),

o ensino de História no Brasil evidenciou a mecanização da aprendizagem, em outras palavras, o aprender estava intrinsicamente relacionado ao ato de decorar datas, nomes e os grandes feitos. Contudo, as novas correntes pedagógicas em união com as vertentes históricas que surgiram durante o século XIX e XX logo questionaram a visão da História Positivista, fazendo por consequência suas análises

permearem dentro das salas de aula possibilitando nas últimas décadas um estudo histórico mais amplo e didático (ALVES; ROSA, 2016, p. 2).

A realidade do ensino de História no Brasil na atualidade é bem complexa, uma vez que estamos inseridos em uma sociedade multicultural, que para a autora Scheimer (2010, p. 1) significa “uma série de culturas com características diferentes na mesma sociedade”. Se uma sociedade é pautada por uma série de culturas, quais fontes ou materiais devemos utilizar em sala de aula para que consigamos associar o passado e o presente para o aluno em sala de aula? Primeiramente, a palavra fonte há vários significados conforme o dicionário¹, assim, desde a metade do “século XIX, quando a História tornou-se disciplina acadêmica, o termo passou a ser usado predominantemente como sinônimo de documento e expressão de autoridade e verdade” (FERREIRA, 2009, p 63).

Com a possibilidade ampla de estudo histórico é possível fazer indagações, problematizações, contextualizações, tendo múltiplas possibilidades. Schmidt (2004) nos fornece definições que justificam essa afirmação dizendo:

A perspectiva da problematização histórica, ao ser transposta para o ensino, traz múltiplas possibilidades e também questões. Pode significar desde a capacidade mais simples de construir uma problemática com relação a um objeto de estudo, a partir das questões postas pelos historiadores e pelos próprios alunos. Pode também significar simples indagações ao objeto de estudo, como: Porquê? Como? Onde? Quando? Na prática da sala de aula, a problemática acerca de um objeto de estudo pode ser construída a partir das questões colocadas pelos historiadores ou daquelas que fazem parte das representações dos alunos, de forma tal que eles encontrem significado no conteúdo que aprendem (SCHMIDT, 2004, p. 121).

A problematização história é fundamental para que se tenha várias possibilidades de indagações em sala de aula, assim complementa a autora:

Desta maneira pode-se conseguir dos educandos uma atitude ativa na construção do saber e na resolução dos problemas de aprendizagem. É preciso que se leve em consideração, inclusive, o fato de que a própria história coloca questões que ela própria não consegue responder e de que há inúmeras interpretações possíveis dos fatos históricos. Neste caso, a problematização é um procedimento fundamental para a educação histórica (SCHMIDT, 2004, p. 121).

Partindo desse pressuposto, é preciso que o professor, como mediador do conhecimento, faça com que o ensino de história traga algo que seja significativo, e que

¹ Manancial de água que nasce do solo; origem de uma informação, etc.

contribua na formação do aluno. Assim, fará com que os alunos pensem historicamente. Nesse sentido, a música pode ser um meio que visa facilitar o aprendizado do aluno em sala de aula, pois ela está totalmente imbricada no nosso cotidiano e expressa elementos de uma determinada época histórica.

Para Bittencourt (2011, p. 379) “o uso da música é importante por situar os jovens diante de um meio de comunicação próximo de sua vivência. (...) assim, o uso da música gera algumas questões”. Do ponto de vista da autora, podemos transformar a música em “objeto de investigação”.

A música atualmente está sendo bastante utilizada como material didático, podendo ser trabalhada para explicar um contexto histórico. Sendo a música uma arte, ela traz consigo valores, interesses, sentimentos e etc. Nesse sentido, a contribuição das músicas do cantor e compositor Raul Seixas é relevante para abordar vários temas em sala de aula, isso veremos nos tópicos posteriores.

A Produção Musical de Raul Seixas

Este tópico tem como objetivo elencar algumas produções musicais de Raul Seixas e fazer uma breve apresentação da biografia do cantor e compositor. Assim, será possível fazer um mapeamento de algumas canções produzidas por Raul Seixas que do nosso ponto de vista irão corroborar para a reflexão sobre o uso de suas músicas no ensino de história.

Raul Seixas é natural de Salvador – Bahia, nascido no dia 28 de junho de 1945, vindo de uma família de “classe média” (PASSOS, 2003, p. 42). Sua infância foi pautada pela influência dos pais Raul Varela Seixas e Maria Eugênia Pereira Santos Seixas. Em várias entrevistas de Raul Seixas ele cita que gostava das leituras sobre o universo, astronomia, filosofia. “Passava os dias trancado em seu quarto, lendo o *Livro dos Porquês do Tesouro da Juventude*” (PASSOS, 2003, p. 42-43).

Ser artista naquele período não era algo apreciado pela sociedade, “era ser algo baixo” (SEIXAS, Raul, apud PASSOS, 2003, p. 73). E para a família de Raul Seixas, a música não levava a lugar algum, tanto é que ele deixa explícito na primeira frase da música *Mamãe eu Não Queria* (1984) do LP Metrô Linha 743, onde diz: “Larga dessa cantoria menino música não vai te levar a lugar nenhum, Peraí mamãe, güenta aí”.

Raul Seixas não gostava da escola e segundo ele (apud FRANS, 2000 p. 96) “a escola já não dizia nada do que eu queria saber e eu era um fracasso nos estudos (...) a única coisa que aprendi na escola foi odiá-la”. Irreverente e determinado, tenta mostrar à

família o quanto era fácil entrar no Ensino Superior, assim, ele fez vestibular e passa em três cursos, diz Raul Seixas (apud, 2003, p. 85) “eu estava estudando Direito, Filosofia e Psicologia. Depois eu larguei tudo”. Na faculdade de Direito, Raul Seixas era motivo de várias chacotas pelo seu estilo extravagante, disse em uma de suas entrevistas:

Quando entrei para faculdade de Direito, eu era superpichado, olhado torto pelo pessoal do diretório e olhado como o idiota do *rock*, entreguista. (*Raul ri muito.*) Agora, aqueles mesmos caras que me vaiaram, eu conheço até hoje... A moda na época era uma camisa de malha bem fresquinha, de *banlon*, com o desenho de um peixinho, e todos os rapazes da moda, cocô-boy do clube de bossa nova, usavam essa camisa lá no clube e me criticavam, riam, diziam, ‘você é um bobalhão’. (...), mas eu agredia os moleques, agredia a cidade inteira, usando umas camisas coloridas. Eu comprava pano de tapete, o mais louco possível, e eu mesmo criava o modelo das camisas. Tudo colorido, um mau-gosto desgraçado (SEIXAS, Raul apud, PASSOS, 2003, p. 23).

Raul Seixas era irreverente no modo de vestir, falar, andar, etc., devido a isso ele ia contra qualquer tipo de padrão de beleza estabelecido. Na década de 50 e 60, com a chegada do *rock* no Brasil, em Salvador, havia uma divisão musical (SEIXAS, Raul, apud PASSOS, 2003, p. 86) “existia um certo conflito. Existiam dois grupos lá, o grupo de *rock* e o grupo de bossa nova”, ou seja, de um lado cantores que apresentavam para a classe burguesa no *Teatro Vila Velha*, onde os frequentadores escutavam *bossa nova*, e do outro o *Cinema Roma*, onde frequentavam os caminhoneiros, empregadas domésticas, etc., que curtiam *rock’n’roll*.

Em 1962, Raul Seixas inicia sua carreira no campo da música, com a banda *Os Relâmpagos do Rock*, posteriormente *The Panthers (Os Panteras)*, que tinha uma pegada mais romantizada. Com a descoberta dos Beatles, Raul Seixas percebe que precisava escrever canções sobre a realidade. Em 1968, no Rio de Janeiro, grava seu primeiro LP com a banda *Raulzito e os Panteras*, sendo um fracasso, pois era somente disco que iria para catálogo, decepcionando Raul Seixas e sua banda.

Em 1971, trabalhando na CBS (produtora), Raul Seixas aproveitou a ausência do presidente da produtora e gravou o LP onde teve *Sociedade da Grã-Ordem Kavernista apresenta sessão das Dez*, com participações de Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star. Em 1972, Raul Seixas participa do VII Festival Internacional da Canção – FIC, promovido pela rede Globo, Raul Seixas ficou em terceiro lugar com a canção *Let me Sing, Let me Sing*, além da excelente repercussão provocada na imprensa, o que garantiu a continuidade de sua carreira. Em um contexto de regime militar no Brasil e o AI-5 (Ato

Institucional), o cenário artístico estava cada vez mais despovoado. Vários “nomes da MPB haviam se exilado”, conforme afirma Passos (2003, p. 47).

Em 1973, com a parceria de Paulo Coelho, Raul Seixas dá um grande salto para o sucesso com a música *Ouro de Tolo*, do LP *Krig-Há, Bandolo!* Em vários shows do Raul Seixas, vários gibi-manifesto² eram distribuídos ao público, e sempre eram recolhidos pelos policiais. Um certo dia, policiais invadiram a casa de Raul Seixas e revistaram todos os cômodos a procura de algo subversivo, conforme relata Raul:

Um certo dia eu estava em casa, foi o primeiro apartamento que comprei na minha vida, pela Caixa Econômica. Então entraram os agentes. Minha mãe, que estava passando uns dias conosco, ficou assustadíssima, não entendeu nada. Na época, eu estava me desquitando da minha primeira mulher, Edith, para me casar com a segunda. Foi barra. Os agentes revistaram a casa toda, deixaram tudo de pernas para o ar, à cata de papéis sobre a Cidade das Estrelas. Minha mãe perguntou: “Quem são essas pessoas?” Respondi: “São meus amigos, eles são assim mesmo, meio bagunceiros” (risos). Depois disso, bicho, foi fogo. Prisão, exílio, aquilo tudo (SEIXAS, Raul apud, PASSOS, 2003, p 123-124).

Em 1974, surge o LP *Gita*, e acaba sendo premiado com o disco de ouro pela qualidade das canções. No mesmo ano, “a Som Livre lança a trilha sonora nacional da novela *O Rebu* – da TV Globo com músicas compostas por Raul Seixas e Paulo Coelho” (PASSOS, 2003, P. 67). Em 1975, lança o LP *Novo Aeon*, que apesar de ser um fracasso comercial, traz consigo uma injeção de ânimo e determinação, como a canção *Tente outra vez*.

De 1976 a 1988, vários outros LPs foram lançados, como: *Há Dez Mil Anos Atrás* (1976); *Raul Rock Seixas* (1977); *O Dia em que a Terra Parou*; *Mata Virgem* (1978); *Por quem os Sinos Dobram* (1979); *Abre-te Sésamo* (1980); *Raul Seixas* (1983); *Metrô Linha 743* (1974); *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* (1987); *A pedra de Gênesis* (1988) e dois dias antes da sua morte lançou o LP *A Panela do Diabo*, com parceria de Marcelo Nova.

A música foi um meio que Raul Seixas buscou para relatar o que passava no momento e o que almejava para o futuro. Seu intuito era que as pessoas pudessem viver em liberdade e que aprendessem alguma coisa com as suas canções, como ele próprio relata:

Eu espero que meu LP ensine alguma coisa pra moçada de hoje. Eu que estudei história, filosofia, literatura, latim, tenho o que dizer. Não trago

² Gibi-manifesto tinha como objetivo propor uma nova sociedade, ou seja, a sociedade alternativa.

uma coisa imposta, um rótulo, como a tal de ‘niuuêive’. Não estou enchendo lingüiça. (...) nunca li um romance. Só leio tratado, e ainda olho as notas de rodapé, para procurar o nome de outros livros sobre o mesmo assunto. Meu trabalho é de pesquisa, mesmo! (...) eu fico em casa, mas meus experimentos vão para as ruas (SEIXAS, Raul apud, PASSOS, 2000, p.57).

É notável que a maioria das músicas de Raul Seixas são produzidas com um propósito, e várias canções deixam claro que utiliza de elementos que buscavam sempre retratar o período vigente, ou seja, o cotidiano, como ele mesmo diz: “A música e a literatura se misturaram; poderia ter sido escritor, mas canalizei para o rock. Troquei a filosofia pela música porque um microfone é mais importante do que qualquer outra coisa” (SEIXAS, Raul apud, JORGE, 2016, p. 79).

Em uma entrevista para a Revista Bizz (1986) ele diz: “A arte é o espelho social da época” (SEIXAS, Raul apud, SOUZA, [2008] p, 16) e concordamos. Para Kika Seixas, ex-esposa do cantor Raul Seixas, “a obra toda dele cada momento da vida do Raul, ele transpunha em música e letras. (...) A obra dele estava muito ligada ao momento de vida que ele estava vivenciando”. Apesar de várias contradições e limitações do cantor e compositor Raul Seixas, ele conseguiu avançar com uma proposta crítica em suas músicas.

As Músicas de Raul Seixas e o Ensino de História

A música está inserida no nosso cotidiano, está presente nas nossas vidas, seja contribuindo para momentos de comemoração sobre algo ou em momento de tristeza, expressando sentimentos, etc., ou seja, a música é acessível a todos. Sendo assim, a utilização da música em sala de aula apresenta contribuições significantes, podendo ser trabalhada nas aulas de história, desde que haja planejamento.

David (2006) afirma:

Privilegiar a linguagem musical no ensino de História significa construir conhecimento, por meio de um recurso didático motivador e prazeroso que envolve larga possibilidade de trato metodológico. Para tanto, faz-se necessário, principalmente, reconhecer que a música é arte e conhecimento sociocultural, portanto, uma experiência cotidiana na vida do homem (DAVID, 2006, p. 97).

Se privilegiar a música no ensino de história é construir conhecimento, nesse sentido, podemos trabalhar com as produções musicais de Raul Seixas no ensino de história, uma vez que para o autor Fischer, “A experiência de um compositor nunca é

puramente musical, mas pessoal e social, isto é, condicionada pelo período histórico em que ele vive e que o afeta de muitas maneiras” (FISCHER apud DAVID, 2006, p. 97).

Partindo desse pressuposto, este tópico tem como objetivo apresentar canções do cantor e compositor Raul Seixas no sentido de verificar se podem ser utilizadas como recurso didático no ensino de história. Como já dito anteriormente, Raul Seixas viveu em um período histórico no Brasil bastante conturbado, ou seja, o período ditatorial (1964-1985), onde teve vários problemas com a censura envolvendo algumas de suas canções. Se a canção utilizasse alguma ideia de mudança em relação ao sistema vigente, era despertada a atenção dos policiais, e a partir de então, a canção era proibida de ser lançada, sendo considerada subversiva. Foi assim que Raul Seixas percebeu que a música é uma arma poderosa, como ele mesmo expressa: “nunca havia pensado que música poderia ser um instrumento importantíssimo para dizer o que eu queria dizer. Quando tomei consciência disso foi ótimo” (SEIXAS, Raul apud, SEIXAS, Kika, 1996, p. 14).

Como podemos utilizar a canção de Raul Seixas no ensino de história? Quais canções abordar? O primeiro passo é ter clareza, que o historiador trabalha com fontes, documentos, vestígios, etc., sendo assim, é preciso que o aluno entenda que a música é um documento histórico, como afirma David (2006),

A utilização de canções para o ensino de história permite o desdobramento do trabalho em pelo menos dois procedimentos: 1º) a análise da música como documento histórico; 2º) como centro gerador³. Interrogar a música como documento histórico compreende a análise do pensamento do autor, de seu posicionamento político, de sua visão de mundo e de seu desempenho no mercado. (...) considera-se, ademais, a necessidade de refletir-se sobre o que sustenta a sua mensagem, como ela foi concebida, seu significado para o contexto da época em que foi elaborada e o significado que a mesma incorpora ao longo do tempo – as persistências (DAVID, 2006, p. 9).

Considerando este pressuposto apontado por David (2006), pode-se observar que várias canções de Raul Seixas abrem um leque vasto de problematizações, como por exemplo, a de várias delas terem sido censuradas no período ditatorial. A canção *Óculoescuro* (1973)⁴, foi vetada inúmeras vezes pelo Departamento de Censura, como afirma Santos (2007).

³ Para David (2006), o centro gerador facilita a condução metodológica do trabalho, porque permite a reflexão a partir do agora, do imediato e, por essa razão, abre-se para o arrolamento e seleção de temas inerentes à proposta inicial, mas que correspondam aos interesses mais imediatos da sala de aula.

⁴ Canção de Raul Seixas e Paulo Coelho que está presente no álbum *O Rebu* (1974) com o nome *Como você já dizia*.

Raul Seixas tentou lançar a música *Óculoescuro*, composta em parceria com Paulo Coelho, que, no entanto, foi vetada várias vezes. Os censores alegavam que nela havia palavras com significados obscuros. (...) Por diversas vezes, a letra da música foi levada para reexaminação em Brasília, sendo modificada com frequência, uma vez que os censores acreditavam que os compositores haviam utilizado certas palavras com duplo sentido, “como andar” referindo-se “comandar”. (...) Em dezembro de 1974 (...) os compositores tiveram, mais uma vez, de mudar a letra de *Óculoescuro*, que teve, inclusive, seu título alterado para *Como vovó já dizia*” (SANTOS, 2007, p. 102,103,106).

A composição *Óculoescuro* (1973) de Raul Seixas e de Paulo Coelho, retrata o controle dos militares no período ditatorial, onde diz:

*Essa luz tá muito forte/ Tenho medo de cegar /Os meus olhos tão manchados/ Com teus raios de luar / Eu deixei a vela acesa / Para a bruxa não voltar / Acendi a luz de dia / Para a noite não chiar / Já bebi daquela água / Quero agora vomitar / Uma vez a gente aceita / Duas tem que reclamar / A serpente está na terra / O programa está no ar / Vim de longe, de outra terra / Pra morder teu calcanhar / Esta noite eu tive um sonho / Que queria me matar / Tudo tá na mesma coisa, cada coisa em seu lugar / Com dois galos a galinha não tem tempo de chocar / **Tanto pé na nossa frente que não sabe como andar**⁵ / Quem não tem colírio usa óculos escuro!!!*

Algumas interrogações podem ser levantadas sobre esta música, no sentido de refletir sobre a sua contribuição no ensino de história, por exemplo: Que luz é essa? Cegaria quem? onde? Por qual motivo? De quem são os pés? Em que ano foi escrita a canção? Qual a contextualização? Quem é o compositor? Nesse sentido, o professor é concebido como um mediador que ajudará os alunos a fazer uma reflexão histórica, levando em consideração que os alunos aprendam a fazer perguntas ao documento. Através do estudo desta música, os alunos podem compreender o período histórico em que foi produzida, e entender que passava uma mensagem crítica sobre a época instituída. Abre-se aqui a possibilidade do desenvolvimento crítico sobre o controle e a opressão instituídas pelo estado militar.

A canção *SOS* (1974) é outro exemplo que leva à reflexão sobre o cotidiano, a mesmice, a rotina, a falta de atenção ao próximo, ao noticiário que só trazem tragédias.

Hoje é domingo / Missa e praia / Céu de anil / Tem sangue no jornal / Bandeiras na Avenida Zil / Lá por detrás da triste / Linda zona sul / Vai tudo muito bem / Formigas que trafegam / Sem porque (...) / E nas mensagens / Que nos chegam sem parar / Ninguém, ninguém pode notar/ Estão muito ocupados / Prá pensar...”

⁵ “Canção de Raul Seixas e Paulo Coelho *Óculoescuro*, nunca gravada por Raul Seixas. Lançada em 1994, no CD “**Se o rádio não toca**”, a partir de gravações de um show em Brasília no primeiro semestre de 1974” (SANTOS, 2007, p. 102).

Nesse trecho, a canção refere-se ao dia de domingo, mas poderia ser qualquer dia, por retratar o cotidiano. No trabalho de história com os alunos, pode-se questionar, como é o seu cotidiano? O que sua família faz no final de Semana? Como é sua rotina? Assiste ou lê jornal? Seus pais ou responsável trabalham o dia inteiro? Tais questionamentos fazem com que o professor tenha contato com a realidade do aluno. Isso é importante? Sim, pois o professor pode elaborar temas que visam a pesquisa, entrevistas com a própria família, etc., e depois relacionar com algum período histórico.

Outra canção do cantor e compositor Raul Seixas que pode contribuir com a reflexão sobre o uso de suas canções no ensino de história, é a canção *Não Fosse Cabral* (1973), que foi censurada no período da Ditadura Militar do Brasil, a letra diz o seguinte:

*Tudo aqui me falta/ A taxa é muito alta/ Dane-se quem não gostar/
Miséria é supérfluo/ O resto é que tá certo/ Assovia que é prá
disfarçar.../ Falta de cultura/ Ninguém chega à sua altura/ Ó Deus!/
Não fosse o Cabral/ Por fora é só filó/ Dentro é mulambo só/ E o Cristo
já não guenta mais/ Cheira feçaloma/ E canta La Paloma/ Deixa meu
nariz em paz/ Falta de cultura/ Ninguém chega à sua altura/ Ó Deus!/
Não fosse o Cabral/ E dá-lhe ignorância/ Em toda circunstância/ Não
tenho de que me orgulhar/ Nós não temos história/ É uma vida sem
vitórias/ Eu duvido que isso vai mudar.../ Falta de cultura/ Pra cuspir
na estrutura/ E que culpa tem Cabral?*

O estudo desta canção pode levar o aluno a perceber que Raul Seixas critica o sistema vigente, o período ditatorial, o descaso do governo com a sociedade, em relação à alta taxa de impostos, a miséria, etc. Em decorrência do total controle do estado por meio da censura, nada disso era divulgado, nesse sentido, passava-se uma imagem ao exterior através da mídia, que o Brasil estava vivendo um milagre econômico, que o país caminhava para o desenvolvimento.

Considerações finais

Nesse artigo buscamos verificar se as produções musicais de Raul Seixas podem ser utilizadas como recurso didático no ensino de história. Algumas canções poderiam ser utilizadas nesse trabalho, como *Ouro de Tolo* (1973), *Mosca na Sopa* (1973), *Mamãe Eu Não Queria* (1984), entre várias outras canções, que certamente nos deixa possibilidade de um trabalho posterior.

Podemos afirmar que as canções do cantor e compositor Raul Seixas traz informações de um período histórico, assim, elas podem ser trabalhadas em sala de aula favorecendo o desenvolvimento e formação de indivíduos críticos. Nesse sentido,

algumas canções que analisamos nesse artigo, do compositor e cantor Raul Seixas, podem ser problematizadas em sala de aula, por abrir várias possibilidades de pesquisa, indagações, investigações etc., junto aos alunos, desde que o professor, como mediador do conhecimento faça com que o ensino de história traga algo significativo, e que contribua na formação crítica do aluno.

Em suma, a conclusão que temos é que Raul Seixas pode ser concebido como um compositor que oferece contribuição que favorece o entendimento de um período histórico através de suas canções, logo, suas músicas podem ser convertidas em um recurso didático que contribuem com o ensino de história.

Referências bibliográficas

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

ANDRADE, Annielly da Silva. *A música como facilitador da aprendizagem na Educação*. Guarabira: UEPB, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BORGES, Kelsse. *Raul Seixas e a Ditadura Militar no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Goiás – UEG. Uruaçu-GO, 2017.

ALVES, Carlos Jordan Lapa; ROSA, Geder da Rocha. *ENSAIOS PEDAGÓGICOS Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades*. OPET ISSN 2175-1773 – junho de 2016.

DAVID, Célia M. *Música e Ensino de História*. In: DAVID, C.M. e MALATIAN T. (Orgs). *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação: Ensino de História*. 2ª ed. Revista. São Paulo: UNESP, 2006.

FRANS, Elton. *Raul Seixas: A história que não foi contada*. Redação de Roberto Moura. São Paulo: Irmãos Vitale, 2000.

FERREIRA, Antônio Celso. *A fonte Fecunda*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

JORGE, C.S.K. *As críticas sociais na obra de Raul Seixas. Parte 2) corpo e música na cidade*. Algazarra (São Paulo, Online), n. 4, p. 78-96, dez. 2016.

MARQUES, Edmilson. *Música Crítica e a Esfera Musical no Brasil*. In: SOUZA, Erisvaldo. *Música e Sociedade no Brasil: uma análise crítica do fenômeno musical*. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre a literatura da arte*. 1ª ed. São Paulo: Global, 1979.

MORAES, Thais de. *Musicalmente falando*. São Paulo: Nova Sampa, 1994.

PASSOS, Sylvio. Raul Seixas por ele mesmo. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PENNIMAN; BOCAGE; COLLINS; SMITH (compositores). Não Fosse Cabral. In: Raul Seixas (LP). Raul Seixas. São Paulo: Estúdio Eldorado, 1983. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cIJ5chs_cNE. Acessado em 05/01/2019.

SANTOS, Paulo dos. *Raul Seixas: A Mosca na Sopa da ditadura. Censura, tortura e exílio (1973-1974)*. Dissertação de Mestrado. Pontífica Universidade Católica – PUC. São Paulo, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *A Formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula*. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHEIMER, Maria Delfina Teixeira. *Ensino de história e a prática educativa: projetos interdisciplinares*. V CINFE. Caixas do Sul, 2010.

SEIXAS, Kika. O Baú do Raul. São Paulo: globo, 1992.

SEIXAS, Kika. *Entrevista de Kika Seixas ex esposa de Raul Seixas - Arquivo do RRC (Raul Rock Club)*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=48K1ZfL4myY&list=PLpkwHj12I5a_3BdgJ7b_107G9XTX9qCzA&index=12> acessado em 09/07/2017.

SEIXAS, Raul; SAMPAIO, Sérgio; BATUCADA, Miriam; STAR, Edy. *Sociedade da Grã-ordem kavernista apresenta sessão das 10*. Rio de Janeiro: CBS Discos, 1971. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fZr0kSD4blo> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul; WISNER, Edith Nadine (compositores). *Let me sing my rock n'roll*. São Paulo, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9QKv0X-PS-0> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Krig-há, Bandolo!* (LP). Rio de Janeiro: Philips, 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4KgpyI3iwz8&t=308s> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. COELHO, Paulo (compositores). *Gita* (LP). Rio de Janeiro: Philips, 1974. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EMjNIO-PTMs&list=PLfoXAem7b68jLzGtgMy2gVvsOHAc2i_oB acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Há dez mil Anos Atrás* (LP). Rio de Janeiro: Philips, 1974. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZIYRkLzP1xQ&list=PLfoXAem7b68jg1p4itOttFFWZAJJQLXKO> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo (compositores). Como vovó já dizia. In: O Rebu. Vários artistas. Rio de Janeiro: Som Livre, 1974.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wsNkL0LLFWw> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. SOS. In: Gita (LP), Rio de Janeiro: Philips, 1974. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qttmu53ErXc> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *O Rebu* (LP). Vários Artistas. Rio de Janeiro: Som Livre, 1974. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ks3jazM-OI&t=28s> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Novo Aeon* (LP). Rio de Janeiro: Philips, 1975. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4NRedu1EpiI&index=14&list=PLfoXAem7b68hchVUNeKx6qp13-DbBOVUL> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Raul Rock Seixas* (LP). Rio de Janeiro: Philips, 1977. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KCpLnp419Pk> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *O Dia em que a Terra Parou* (LP). Rio de Janeiro: WEA – Warner Bros, 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-e5nfXrJPRc> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Mata Virgem* (LP). Rio de Janeiro: WEA – Warner Bros, 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GPJCFfylvUE&t=1265s> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Porque quem os Sinos Dobram* (LP). Rio de Janeiro: WEA – Warner Bros, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n0tdZxov5eQ> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Abre-te Sésamo* (LP). Rio de Janeiro: CBS, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GzCJmBAXWkM&list=PLfoXAem7b68gjuUDOJucQuyWuGR75reto> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Raul Seixas* (LP). São Paulo: Estúdio Eldorado, 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xWt7VShWvsQ> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Metrô Linha 743* (LP). Rio de Janeiro: Som Livre, 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pOKmSHzxusc&t=1516s> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Mamãe eu não queria*. In: *Metrô Linha 743*. Rio de Janeiro: Som Livre, 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gumba6xHY9k> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* (LP). São Paulo: Copacabana, 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kEdhxWNQrRA&list=PLB287833197836149> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul. *A Pedra de Gênese* (LP). São Paulo: Copacabana, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M5B7CaLN5Pw&list=PLfoXAem7b68i0a2RdD6tVoRnAUETsMfHG> acessado dia 05/01/2019.

SEIXAS, Raul; NOVA, Marcelo. *A Panela do Diabo* (LP). WEA, 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pO8H5xFx9JI> acessado dia 05/01/2019.

Revista Espaço Livre. V. 13, n. 26, jul. dez./2018.

SOUZA, Isaac Soares. *Grandes Entrevistas – Raul Rock Santos Seixas*. Clube de Autores, 2012.

VIANA, Nildo. *A Esfera Artística: Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte*. 1ª Ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.